



# ATIVIDADE DE LINGUAGEM, INVARIÂNCIA E DINÂMICA CRIADORA

## ACTIVITÉ LANGAGIÈRE, INVARIANCE ET DYNAMIQUE CRÉATRICE

Márcia Romero **1**

**Resumo:** *Discutimos, neste trabalho, o princípio fundante da atividade de linguagem para a Teoria das Operações Enunciativas: a invariância. A fim de evidenciar esta dinâmica criadora constitutiva dos enunciados, exploramos dados do português brasileiro – a saber, empregos de quebrar e de cabeça – que mostram ser a variação semântica de unidades pertencentes ao campo verbal e nominal explicada, de um lado, por um esquema invariante caracterizador do semantismo que lhes é específico e, de outro, por princípios gerais que configuram este esquema nos usos. Propomo-nos, ainda, a refletir sobre as consequências decorrentes desses princípios em sintagmas nominais que se apresentam como nominal<sub>1</sub> de nominal<sub>2</sub>.*


**Palavras-chave:** *Teoria das Operações Enunciativas. Atividade de Linguagem. Invariância. Variação Semântica.*

**Résumé:** *Nous discutons dans ce travail du principe fondateur de l'activité langagière pour la Théorie des Opérations Énonciatives : l'invariance. Afin de mettre en évidence cette dynamique créative qui constitue les énoncés, nous explorons des données du portugais brésilien – à savoir, les emplois de « quebrar » et « cabeça » – qui montrent que la variation sémantique des unités appartenant au champ verbal et nominal s'explique, d'une part, par un schéma invariant définisseur du sémantisme qui leur est propre et, d'autre part, par des principes généraux qui configurent ce schéma dans les usages. Nous nous proposons également de réfléchir aux conséquences découlant de ces principes dans des syntagmes nominaux qui se présentent comme nom<sub>1</sub> de nom<sub>2</sub>.*

**Mots-clés:** *Théorie des Opérations Énonciatives. Activité Langagière. Invariance. Variation Sémantique.*

---

**1** Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo e Pós-Doutora pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É professora e pesquisadora da Universidade Federal de São Paulo (Departamento de Educação) e pesquisadora vinculada à Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (membro do grupo CNPq NALíngua). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1851257666639782>. ORCID: 0000-0001-5204-111X. E-mail: [marcia.romero@unifesp.br](mailto:marcia.romero@unifesp.br)



## Introdução

O programa de Antoine Culioli, fundador de uma teoria da enunciação conhecida por Teoria das Operações Enunciativas<sup>1</sup>, desenvolve-se em torno de duas questões norteadoras que evidenciam ser o foco de seus interesses a atividade de linguagem como atividade simbólica: “(1) como articular linguagem e línguas, (2) como tratar da relação entre a materialidade do texto e a imaterialidade da atividade significante dos sujeitos” (CULIOLI, 1999a, p. 7). Ainda nas palavras do autor:

Levar em consideração a atividade de linguagem é necessariamente construir um objeto complexo, heterogêneo, tal que sua modelização suponha a articulação de vários domínios. Levar em consideração os fenômenos das línguas é necessariamente levantar o problema do específico e do generalizável, do contingente e do invariante (CULIOLI, 1990, p. 11).

Para teorizar a articulação entre a universalidade da atividade de linguagem e a singularidade das línguas, Culioli introduz em seu modelo níveis de representação, a saber, um primeiro nível no qual *representação* se refere às representações mentais (nível I) e um segundo no qual se refere às representações linguísticas (nível II), com uma particularidade que confere a este referencial a sua riqueza maior: não há vínculo direto entre I e II, como se lê na passagem abaixo:

(...) [n]o nível I, [temos] representação mental (trata-se de cognição; quando falo de cognição, compreendo o termo num amplo sentido. O afeto faz parte da cognição; não há de um lado o cognitivo que seria do domínio da racionalidade explícita, e [de outro] o afetivo que seria o lugar dos sentimentos e da imaginação desenfreada...). (...) No nível II, temos representações que chamarei de linguísticas, e que são o traço da atividade de representação de nível I. Têm-se, portanto, representantes de segundo grau e agenciamentos de representantes, mas não existe relação termo a termo entre as representações de nível I e as representações de nível II. É aqui que mora a dificuldade. (CULIOLI, 1990, p. 21-22)

Não vamos nos estender na discussão teórica que envolve a articulação entre o nível I, em que se dá a atividade de linguagem, e o nível II, em que se elaboram enunciados numa língua natural. Essa discussão foi feita em trabalhos anteriores, dentre os quais citamos, particularmente, Romero (2018). Nosso principal propósito, aqui, é o de ilustrar essa articulação por meio de fatos empíricos. Levantamos, contudo, de modo introdutório, algumas questões centrais relacionadas aos dois níveis de representação a fim de possibilitar a compreensão do fenômeno da *invariância* próprio à linguagem tal como concebido por Culioli.

No que se refere à representação mental, também dita *representação nocional*, importa ressaltar que, “(...) ao invés de representação de ordem classificatória, mantidas em estoque, inertes e inalteradas, percebemos que lidamos com representações que não cessam de se reorganizar e de se deformar” (CULIOLI, 1997, p. 10), lidamos com “processos mentais de representações (operações; esquemas; orientações; etc.)” (CULIOLI, 2018, p. 32). O autor aborda, nestes excertos, a elaboração de *noções*, “representações que organizam experiências elaboradas desde nossa primeira infância, que construímos a partir de nossas relações com o mundo, com os objetos, com os outros, de nosso pertencimento a uma cultura, do interdiscurso no qual estamos imersos” (CULIOLI, 1990, p. 21).

Há, nos processos mentais de representação, operações elementares, esquemas que se

<sup>1</sup> Também denominada Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas. A respeito deste quadro referencial, ver, entre outros, CULIOLI (1990, 1999a, 1999b, 2018); CULIOLI, NORMAND (2005); FRANCKEL (2002); DE VOGUÉ et al. (2011); CAMUS et al. (2014); DUCARD (2013); LA MANTIA (2014); BÉDOURET-LARRABURU, COPY (2018); ROMERO (2019); DUFAYE, GOURNAY (2021).

engendam; há o que se mantém constante sob diferentes transformações, invariantes “subjacentes à atividade de linguagem, quaisquer que sejam as línguas que consideremos” (CULIOLI, 1990, p. 15). Para Culioli, a invariância envolve uma estabilidade deformável, nas suas palavras, uma “coerência reguladora” (CULIOLI, 2018, p. 36) da criatividade enunciativa: no fundamento do empírico, “lidamos com fenômenos que são ao mesmo tempo estáveis e plásticos” (CULIOLI, 1990, p. 129).

Do ponto de vista dos enunciados numa língua natural, o que se tem são reconstruções desses invariantes: a invariância é configurada pela língua.

A forma da atividade de linguagem remete, portanto, a um jogo de relações sem materialidade que permite construir objetos perceptíveis quando há verbalização. De uma atividade interna, passamos a uma atividade externa, pública, linear, sem que a exteriorização corresponda à atividade interna manifestada. O que se tem simultaneamente à verbalização, são os traços dessa atividade interna, em si, inacessível. (ROMERO, FLORES, 2017, p. 123).

O enunciado configura a invariância, lhe confere um contorno ao instanciá-la no espaço-tempo sob uma ótica não qualquer, cabendo-nos analisar o modo como as unidades linguísticas variam empiricamente a fim de restituir o que, na variação, permanece constante e regular.

Percebe-se, por esta consideração, a própria complexidade de se teorizar a variação constitutiva das línguas e, no que nos diz respeito, aquela específica aos empregos de uma unidade lexical, já que a análise deve se concentrar na dinâmica da interação, *i.e.* no estudo de como a unidade integra o enunciado, e não nos sentidos que resultariam dessa mesma integração.

Com essas considerações introdutórias, passamos às seções seguintes, nas quais pretendemos mostrar, de um lado, a natureza invariante do semantismo da unidade linguística, posto que este se define por “um esquema abstrato permanente” (CULIOLI, 2002, p. 27) que sustenta a dinâmica do processo de construção da significação; de outro, os princípios que, tomando por base esse esquema, regulam a variação, configuram os enunciados. A partir deste objetivo primeiro, apresentamos, ainda, alguns dos resultados preliminares referentes ao processo de significação de sintagmas nominais (SN) constituídos por  $N_1$  de  $N_2$  (*nominal<sub>1</sub> de nominal<sub>2</sub>*), umas das construções mais produtivas no que concerne a variação semântica nominal.

## Estudo de caso I – *quebrar*

O estudo ora apresentado resulta da primeira etapa do projeto *Léxico e Enunciação*, que teve por objetivo levantar e sistematizar regularidades próprias ao funcionamento enunciativo verbal<sup>2</sup>. Desta pesquisa, em que foram analisados minuciosamente empregos de 10 (dez) lexemas verbais tidos por fortemente polissêmicos, decorrem inúmeros resultados, que podem ser lidos em Romero (2017a, 2017b, 2018, 2019, 2021), Romero e Trauzzola (2016), Romero e Flores (2017) e Romero e Vilela (2020a, 2020b), aos quais damos destaque. A análise de *quebrar* consta, em seus detalhes, de três dessas publicações (ROMERO, 2017a, 2017b, 2019), ainda que os propósitos que as sustentam não sejam os mesmos<sup>3</sup>.

Tendo em vista as análises mencionadas, trazemos sucintamente, nesta seção, resultados já divulgados, dessa vez com a finalidade de, em primeiro lugar, ilustrar o esquema invariante que regula a variação de *quebrar*; em segundo, evidenciar os princípios que, mobilizando este esquema, dão origem a configurações enunciativas específicas e não quaisquer. Em outras palavras, se o esquema invariante é próprio a *quebrar* e, por isso mesmo, o identifica semanticamente, os princípios a partir dos quais ele é mobilizado na elaboração de enunciados são de ordem geral e,

<sup>2</sup> Projeto financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), finalizado em 2016 (processo 13/07572-0). Os dados constam do Banco de dados do projeto e foram extraídos de fontes lexicográficas e da web. Neste último caso, apenas foram consultados sites nos quais se observam registros escritos.

<sup>3</sup> Em Romero (2017a), estabelecemos o confronto enunciativo *partir-quebrar* em PB a fim de refletir sobre os empregos destas unidades no português europeu. Em Romero (2017b), o confronto enunciativo entre *comer-quebrar* propõe explicações para usos considerados idiomáticos destas unidades. Por fim, em Romero (2019), o estudo de *quebrar* visa a explicar noções gerais e operacionais constitutivas da Teoria das Operações Enunciativas.

como exposto na seção seguinte, fundam igualmente a variação nominal.

Partimos do exame da propriedade central do esquema invariante do verbo *quebrar*, que põe em jogo uma “relação estreita de dependência recíproca ou causalidade com o outro, por nós denominada *solidaridade*” (ROMERO, 2019, p. 205).

Tem-se, nesta afirmação, o emprego de SOLIDARIDADE como a propriedade que caracteriza a noção instanciada por *quebrar* em seus usos. *Quebrar* exprime, por meio dessa propriedade, a necessidade de se verificar, de um lado, a unidade dotada de *solidaridade*, de outro, quais são os *constituintes interdependentes* que a asseguram. Logo, são dois os parâmetros variáveis que se configuram nos enunciados de diferentes maneiras.

Em suma, *quebrar* institui uma SOLIDARIDADE ao se enunciar, a ser lida como *interdependência entre constituintes*, para, então, representá-la como *desfeita*:

Dada uma SOLIDARIDADE (X), em que SOLIDARIDADE se lê como interdependência entre constituintes (Y), QUEBRAR exprime a SOLIDARIDADE desfeita. (ROMERO, 2019, p. 207)

Considerando-se esse esquema invariante, também referido por *forma esquemática*, verificamos a existência de uma coerência reguladora da variação verbal que determina os modos pelos quais a relação de SOLIDARIDADE se configura enunciativamente, modos assim descritos:

- I. SOLIDARIDADE interna  
Constituintes interdependentes (Y) formam intrinsecamente a unidade (X) dotada de solidariedade
- II. SOLIDARIDADE externa  
Constituintes interdependentes (Y) formam circunstancialmente a unidade (X) dotada de solidariedade
- III. SOLIDARIDADE-constituintes interdependentes são indissociáveis

Abaixo, damos alguns exemplos de como a SOLIDARIDADE se configura no agenciamento enunciativo decorrente de *quebrar*. Outros podem ser lidos nos artigos mencionados nesta seção.

Em I, a SOLIDARIDADE (X) configura-se como uma unidade intrinsecamente composta de constituintes interdependentes (Y). *Quebrar*, nos sintagmas nominais (SN) por ele mobilizados, os apreende, entre outros, como *mecanismo*, *estrutura*, *sistema*, *organismo*. A quebra resulta numa destruição de ordem interna que se manifesta de várias maneiras: há o que não funciona, sofre destruição estrutural, aniquilamento, etc.

Como enunciados ilustrativos da configuração I, temos (1) *O carro quebrou?*<sup>4</sup> e (2) *A empresa quebrou?*<sup>5</sup>.

Em (1), o SN *o carro* é apreendido, por ex., como *mecanismo* (X), o do motor, sendo os constituintes interdependentes *as peças* (Y) que, antes, funcionavam de modo integrado. *Quebrar* faz com que o SN *o carro* se veja determinado como SOLIDARIDADE de elementos integrados, interdependentes – mecanismo ou sistema (de natureza mecânica, elétrica), etc.<sup>6</sup> – para exprimir que esta não mais se observa<sup>7</sup>. Já em (2) *A empresa quebrou*, apreende-se o SN *a empresa* como uma estrutura econômica (X), como sistema consolidado de atividades interdependentes (Y) (relacionadas, por ex., à produção, distribuição, troca e ao consumo de bens e serviços), que resulta, com a quebra, em uma estrutura (econômica) destruída. Uma vez mais, a SOLIDARIDADE própria a *quebrar* faz com que o SN seja determinado como uma estrutura (econômica).

Em II, a SOLIDARIDADE (X) configura-se como uma unidade composta de constituintes

4 Extraído de <https://bitly.com/UbtTh4>. Acesso em 17/11/2021.

5 Extraído de <https://bitly.com/EI2r3B>. Acesso em 17/11/2021.

6 Teríamos outras possibilidades de apreensão de uma sequência como *o carro quebrou*. O mecanismo ou sistema pode se referir a um carrinho de brinquedo automático; o próprio SN *o carro* pode se referir à estrutura de um brinquedo, etc.

7 Se compararmos com o verbo *comer*, este verbo apreende *o carro* sob a ótica de sua lataria, que se vê tomada por um fenômeno corrosivo (cf. *A ferrugem come o carro de dentro para fora*. Extraído de <https://bitly.com/sHoGLN>. Acesso em 17/11/2021). A comparação é apenas para mostrar a importância de se observar, nas análises, como o SN é apreendido pelo verbo.

interdependentes de natureza circunstancial. Nesta configuração, há uma SOLIDARIDADE externa, extrínseca: é no espaço-tempo que se elabora a relação de interdependência entre os constituintes. *Quebrar*, nos sintagmas nominais (SN) por ele mobilizados, os apreende, entre outros, como fenômeno ordenado, prática sistemática, elemento sequencial, caso de *a onda, o ritmo, a rotina, a tradição*, etc. quando enunciados com este verbo. A quebra resulta no que não se perpetua, cessa, momentaneamente ou não.

Como enunciados ilustrativos da configuração II, temos (3) (...) *a onda quebrou e a dupla acabou sumindo na espuma*<sup>8</sup> e (4) *O cara fez tudo: saiu do tom várias vezes, errou o tempo, quebrou o ritmo da música*<sup>9</sup>.

Em (3), (X) é o SN *a onda*, concebido como movimento ondulatório dotado de regularidade, e (Y), um fenômeno dependente circunstancialmente de outro e sem o qual a regularidade não existiria (a oscilação entre cristas e vales). *Quebrar* exprime a interrupção do fenômeno (há rebentação de sua crista)<sup>10</sup>. Em (4), (X) é o SN *o ritmo da música*, apreendido como repetição periódica ordenada de intervalos (Y) numa composição musical. *Quebrar* exprime a interrupção da constância, da ordenação de intervalos.

Em III, a SOLIDARIDADE (X) configura-se por meio de vínculos entre constituintes, o próprio estatuto de constituinte sendo decorrente do vínculo observado. Há, entre SOLIDARIDADE e os constituintes interdependentes, uma relação de indissociabilidade. *Quebrar*, nos sintagmas nominais (SN) por ele mobilizados, os apreende como prescrição legal, moral, engajamento entre partes, entre outros, *caso de o protocolo, o contrato, a promessa, a palavra*, etc. quando enunciados com este verbo, para marcar violação, transgressão, vínculos invalidados.

Como enunciados ilustrativos da configuração III, temos (5) *O Papa Francisco quebrou o protocolo mais uma vez e deu “carona” no papamóvel para seis crianças*<sup>11</sup> e (6) *Ele quebrou a promessa de não voltar a se casar*<sup>12</sup>.

Em (5), o SN *o protocolo* é apreendido como um conjunto (X) de regras cerimoniais (Y) a ser cumprido. Notemos que o protocolo assim apreendido (regras cerimoniais) não existe fora de quem nele se engaja, de seu cumprimento. A quebra do protocolo o torna nulo. Já em (6), apreende-se o SN *a promessa* como contrato verbal firmado e que institui um vínculo (X) entre partes (Y), não existindo *promessa* fora daquele a quem se promete<sup>13</sup>.

O quadro abaixo ilustra o esquema invariante de *quebrar* e as configurações apresentadas em I, II e III.

8 Extraído de: <https://bitly.com/FFF1JH>. Acesso em 17/11/2021.

9 Extraído de <https://bitly.com/jZORH1>. Acesso em 17/11/2021.

10 Para cada termo mencionado, há certamente outros empregos e cada um deles deve ser analisado em sua particularidade. No enunciado *Ele poderia ter dado a “honra” a um homem, mas ele quebrou a onda do machismo no mangá dando a vez para Kaguya* (Extraído de <https://bitly.com/osQcgN>. Acesso em 28/11/2021), *quebrar* apreende a onda no SN em questão sob a ótica de um movimento em voga (a presença do machismo no mangá). O enunciado, no entanto, configura-se igualmente como II: a quebra exprime o que cessa, é interrompido.

11 Extraído de <https://bitly.com/sVIVIF>. Acesso em 17/11/2021.

12 Extraído de <https://bitly.com/ILSqfZ>. Acesso em 17/11/2021.

13 Sobre a configuração I e a configuração III, observa-se uma série de consequências sintáticas. Em I, num enunciado SVO (O menino quebrou o carrinho), os parâmetros do esquema invariante verbal não mobilizam o sujeito sintático, que tem autonomia em relação ao predicado. A ergativa, por ex., é admitida em vários dos exemplos (O carrinho quebrou). Para maiores aprofundamentos, ver Romero (2021), que traz um estudo preliminar a respeito da ergativa. Em III, o sujeito se vê mobilizado pela relação predicativa. Para dar alguns exemplos, em *Ele quebrou o protocolo (a ser respeitado), a promessa (feita), a palavra (dada), o acordo (feito), a hierarquia (a ser respeitada), o decoro parlamentar (a ser respeitado), o sigilo (a ser mantido)*, etc., se há protocolo, promessa, palavra, acordo, hierarquia, etc., é por existir engajamento do sujeito (no respeito ao protocolo, ao acordo, à hierarquia; no cumprimento da promessa, da palavra). Melhor seria dizer que o sujeito é apreendido sob a ótica do que se tem para ser respeitado, cumprido. Isso explica porque, em *Ele quebrou a promessa*, a quebra invalida o estatuto de parte (constituinte interdependente). Nesse caso, *a promessa*, como contrato verbal firmado, mobiliza partes que se veem unidas pela promessa enquanto existir promessa. Não se admite a ergativa. Outras considerações que envolvem as configurações I, II e III e a natureza da relação predicativa podem ser lidas em Romero (submetido): Problematização dos dados para a Teoria das Operações Enunciativas: um estudo de acabar em português brasileiro.



**Quadro 1.** Esquema invariante de *quebrar*

A SOLIDARIDADE DESFEITA e as suas configurações		
Configuração I	Configuração II	Configuração III
<i>o carro quebrou</i>	<i>a onda quebrou</i>	<i>quebrou a promessa</i>
(1) SOLIDARIDADE (2) CONST. Interdependente	(1) SOLIDARIDADE (2) CONST. Interdependente	(1) SOLIDARIDADE (2) CONST. Interdependente
<b>SOLIDARIDADE interna</b> (2) forma (1) a UNIDADE dotada de SOLIDARIDADE (1-2) relação interna	<b>SOLIDARIDADE externa</b> (2) forma (1) a UNIDADE dotada de SOLIDARIDADE (1-2) relação circunstancial	<b>Indissociabilidade</b> O constituinte (2) só existe no tempo de (1), da relação de SOLIDARIDADE. (1-2) indissociáveis
Ou: A qualidade própria à noção (a SOLIDARIDADE) compreende de modo interno a forma (ou seja, o constituinte interdependente) que exprime a SOLIDARIDADE.	Ou: A qualidade própria à noção (a SOLIDARIDADE) compreende de modo externo a forma (ou seja, o constituinte interdependente) que exprime a SOLIDARIDADE.	Ou: A qualidade própria à noção (a SOLIDARIDADE) não compreende forma interna, nem externa (não há CONST. interdependente fora da relação de SOLIDARIDADE).

Fonte: Produção do autor.

## Estudo de caso II – *cabeça*

O presente estudo, por sua vez, consta da segunda etapa do projeto *Léxico e Enunciação*, que tem por objetivo levantar e sistematizar regularidades próprias ao funcionamento enunciativo nominal<sup>14</sup>. Nesta pesquisa, são analisadas 06 (seis) unidades selecionadas em função dos seguintes critérios: ser um substantivo comumente descrito como concreto e contável, não ser substantivo formado por derivação e apresentar vasta variação de usos.

Por se tratar de uma pesquisa em andamento, este trabalho traz uma primeira formalização do esquema invariante constitutivo de *cabeça*. Recomendamos, em complemento ao exposto, a leitura de Fujisaka (2020), Francisconi (2020) e Romero, Francisconi e Fujisaka (2021), em que são abordadas outras unidades do corpus.

Do ponto de vista analítico, adotamos uma exposição distinta da anterior, que vai do estudo empírico à apresentação da formalização de uma hipótese preliminar a respeito do esquema invariante de *cabeça*. Consideremos, nesta perspectiva, os enunciados abaixo, seguidos de uma explicação fundamentada no modo como se apreende *cabeça* no SN quando este integra o enunciado.

(1) Falta um suporte de apoio no banheiro do apartamento - desequilibrei-me e quase quebrei a cabeça.<sup>15</sup>

O SN a *cabeça* faz referência, no enunciado, ao principal membro superior do corpo humano, o que convoca a existência de outros membros (considerados superiores ou não) em relação aos quais ele se destaca. Por ser argumento de *quebrar, cabeça*, no SN, remete à caixa craniana,

<sup>14</sup> Projeto financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), em andamento (processo 19/22495-8)

<sup>15</sup> Reiniciamos a numeração dos enunciados. No que se refere a este enunciado, ele foi extraído de <https://www.tripadvisor.com.br/>. Acesso em 18/11/2021.

estrutura óssea da caixa craniana<sup>16</sup>.

(2) A cabeça de destilação faz a ligação entre o balão, onde a mistura é levada à ebulição e o condensador, onde ocorre a condensação do destilado, e tem uma abertura para suportar um termômetro à entrada do condensador.<sup>17</sup>

O termo aparece num emprego considerado técnico. Temos um enunciado de natureza explicativa, no qual o SN *a cabeça de destilação* remete à parte principal de um objeto, a que permite unir o balão, onde ocorre a ebulição, ao condensador, onde ocorre a condensação. Em relação à estrutura do objeto, a cabeça de destilação é o elemento central, posto que o processo depende dela para acontecer.

(3) O quadril é a maior junta de ajuste esférico do corpo humano. A cabeça do fêmur, extremidade do osso longo da coxa, se encaixa na cavidade acetabular do osso pélvico. É, portanto, uma articulação de grande porte, adaptada para suportar o peso do corpo (...).<sup>18</sup>

Temos, novamente, um enunciado de natureza explicativa. O SN *a cabeça do fêmur* diz respeito à parte esférica do osso, localizada na extremidade superior, e que tem uma importante função na estrutura óssea em questão: promover a articulação do fêmur com o osso do quadril.

(4) “Vocês todos sabem que eu tenho uma norma. Eu sempre prestígio àqueles que vem na cabeça da lista. Eu ainda não tenho a lista comigo, mas aquele que estiver em primeiro lugar será a pessoa que irei nomear. (...)”, declarou Melo.<sup>19</sup>

O enunciado faz referência a um pleito cujo resultado dá origem a uma lista dos que receberam votos. O SN *a cabeça da lista* exprime o primeiro lugar, aquele que obteve classificação superior em relação às outras classificações.

(5) Das 20 Copas do Mundo realizadas até hoje, em apenas duas a Federação Internacional de Futebol (Fifa) não criou a figura dos “cabeças de chave”. Esses são os países considerados mais fortes na competição (...).<sup>20</sup>

Para compreender a expressão, é necessário saber que, nos campeonatos de futebol, há equipes que integram um grupo (uma chave<sup>21</sup>) e que são passíveis de avançar na disputa conforme os resultados obtidos nos jogos entre as chaves. O SN *os cabeças de chave* refere-se, como explicado no enunciado, às equipes que, num grupo, se destacam por sua colocação no ranking. Desse ponto de vista, o enunciado aproxima-se do anterior, *pois cabeça* indica quem ocupa o nível mais alto no ranking.

Tio e os dois sobrinhos (...) foram vítimas de uma “cabeça d’água”.<sup>22</sup>

O enunciado refere-se a um fenômeno que se caracteriza por um aumento repentino do nível do rio. O SN *uma “cabeça d’água”* leva em consideração a média de níveis de água do rio para evidenciar a existência de um nível muito superior de água, um nível que se destaca do observado numa dada situação.

16 Se o SN, num enunciado semelhante, fosse argumento de cortar (...desequilibrei-me e quase cortei a cabeça), não haveria mudança no modo de se representar a cabeça como membro superior. O que mudaria é que o membro superior passaria a ser apreendido sob a ótica do tecido que recobre o crânio, e não mais sob a ótica da estrutura do osso, da caixa craniana.

17 Extraído de <https://bityli.com/OPg4iC>. Acesso em 18/11/2021.

18 Extraído de <https://bityli.com/UlkL9Y>. Acesso em 18/11/2021.

19 Extraído de <https://bityli.com/kCizQz>. Acesso em 18/11/2021.

20 Extraído de <https://bityli.com/dTlkaq>. Acesso em 18/11/2021.

21 Para análise de chave, ver Fujisaka (2020). Ver, ainda, Romero, Francisconi e Fujisaka (2021).

22 Extraído de <https://bityli.com/WWbyOb>. Acesso em 18/11/2021.

(7) Fiquei com a cabeça leve depois que resolvi o problema.<sup>23</sup>

Interessante notar que *leve*, em relação ao SN a *cabeça*, remete ao estado psíquico, à mente como sede de funções psíquicas. Trata-se de pensamentos, emoções, etc., que não se veem mais motivados por qualquer tipo de pressão. Assim, *a cabeça leve*, no enunciado, elabora uma representação em que o estado psíquico de alguém (seu pensamento, sua emoção, etc.) desanuvia: o pensamento antes motivado pela resolução de um problema (que pedia por uma solução) desaparece ao se ver livre do que se encontrava em sua origem.

(8) Não me sai da cabeça o desastre de ontem.<sup>24</sup>

A apreensão do termo *cabeça* no sintagma remete, como anteriormente, ao estado psíquico do sujeito, à mente como sede de funções psíquicas superiores. O desastre experienciado pelo locutor motiva pensamentos que não existiriam se o fato não tivesse ocorrido, pensamentos que insistem em acompanhá-lo.

(9) - A sensação foi de “poxa, consegui”. Isto faz valer cada sacrifício e cada momento no qual treinei e quebrei a cabeça tentando fazer música.<sup>25</sup>

Temos aqui um emprego no qual *quebrar a cabeça* remete a raciocínios que vão ao extremo, à exaustão do ato de raciocinar ou do exercício da razão, de modo que a função psíquica de raciocinar se vê à beira de uma desorganização, melhor seria dizer, de uma reorganização do que antes existia.

No que se refere à formalização de seu esquema invariante, as análises apontam para uma relação na qual *cabeça* mobiliza um agrupamento coerente de elementos, i.e. um conjunto coerente, para conferir superioridade a um dos elementos. Isso significa que o conjunto, em si, não apresenta uma ordenação. É *cabeça* que institui essa ordenação ao apreender um dado elemento como o superior<sup>26</sup>.

São dois, portanto, os parâmetros mobilizados por *cabeça*: um conjunto coerente (X) e um elemento (Y) do conjunto, ao qual *cabeça* confere SUPERIORIDADE, o que é assim descrito:

CABEÇA confere SUPERIORIDADE a um elemento (Y) constitutivo de um conjunto coerente (X).

Em relação a esse esquema invariante, evidencia-se, uma vez mais, uma regularidade na variação do termo que se verifica pelo modo como a SUPERIORIDADE se configura nos enunciados:

- I. SUPERIORIDADE interna  
Uma estrutura material forma intrinsecamente o conjunto coerente (X) ao qual pertence o elemento (Y) qualificado de superior
- II. SUPERIORIDADE externa  
Um grupo ordenado forma circunstancialmente o conjunto coerente (X) ao qual pertence o elemento (Y) qualificado de superior
- III. SUPERIORIDADE-elemento do conjunto coerente são

23 Extraído de <https://bitly.com/akON8J>. Acesso em 18/11/2021.

24 Extraído de <https://bitly.com/N0P93n>. Acesso em 18/11/2021.

25 Extraído de <https://bitly.com/aZauOo>. Acesso em 18/11/2021.

26 Notemos, por ex., o que acontece no SN a *cabeça* da lista (cf. 4). Uma lista, por si só, não se refere a uma série ordenada, como nos mostra o SN uma lista de compras, que diz respeito a um conjunto de itens a serem providenciados. Assim, em (4), é *cabeça* que apreende a lista como uma lista seriada a fim de conferir SUPERIORIDADE àquele que ocupa o primeiro lugar.



indissociáveis

O próprio conjunto coerente (X) é qualificado de superior (Y) por ser constituído de elementos sem equivalentes.

Em outras palavras, o esquema invariante que caracteriza o semantismo de *cabeça* se configura diferentemente, a depender de como se dá a apreensão da SUPERIORIDADE.

Em I, *cabeça* elabora, no enunciado, a representação de uma estrutura física ou material (X) à qual pertence intrinsecamente a parte (Y) por ela qualificada como *superior e a mais importante* em relação às demais. Enquanto *principal membro* ou *elemento*, *cabeça* indica a natureza primordial da parte (Y). Uma característica importante desta configuração enunciativa é que o próprio termo, ao se enunciar, recupera uma relação *parte-todo*, posto convocar, enquanto parte qualificada por sua SUPERIORIDADE, o todo (*estrutura*) do qual se destaca.

Os enunciados assim configurados são (1), (2) e (3). Note-se, ainda, que o SN é apreendido conforme as determinações que lhe são conferidas pelos outros termos do enunciado aos quais se integra.

Como dissemos, em (1) *Falta um suporte de apoio no banheiro do apartamento - desequilibrei-me e quase quebrei a cabeça*, do ponto de vista de *cabeça*, tem-se, por. ex., em relação a um conjunto de membros, superiores ou não, (X), o principal deles (Y); já *quebrar* apreende *a cabeça* como estrutura óssea, o que conduz à elaboração da representação de caixa craniana que poderia ter sido afetada com o desequilíbrio. Já, a apreensão de principal parte de um objeto aparece no enunciado (2), em que temos o SN a *cabeça* de destilação. O termo *cabeça*, ao fazer referência ao elemento que, no processo de destilação, é o mais importante (Y), recupera a estrutura física (X) ao qual se integra. Em (3), a *cabeça do fêmur* faz igualmente referência ao principal elemento da estrutura óssea do fêmur: aquele responsável pela articulação fêmur-quadril.

Em II, *cabeça* refere-se a um conjunto coerente (X) de natureza circunstancial (sequenciação, arranjo, classificação, posição, nível, volume, montante, etc.), posto que são mobilizadas relações entre elementos definidas no espaço-tempo. Trata-se, por ex., de seu emprego em (4) *a cabeça da lista*. Nele, *cabeça* apreende *a lista*, ordenação de elementos, como uma ordenação *seriada* de elementos (X), uma ordenação que se vincula ao espaço-tempo ao ser conferida SUPERIORIDADE a um elemento (Y), que exprime aquele que obteve a classificação mais alta.

Diferentemente do que se nota em I, em II, *cabeça* põe em jogo um conjunto de natureza circunstancial para exprimir que, neles, há um elemento que se destaca. Em suma, o termo referido por *cabeça* é de natureza circunstancial, encontrando-se vinculado a uma situação.

São exemplos pertencentes a esse grupo, além de (4), os enunciados (5) e (6). Retomemos, apenas, o enunciado (5) (...) *a figura das “cabeças de chave”*. Nele, *cabeça* refere-se às equipes (Y) às quais se confere SUPERIORIDADE por seu desempenho, importância, força, etc., no conjunto de *equipes de futebol* (X)<sup>27</sup>. Nesse caso, o termo aproxima-se de líder<sup>28</sup>.

Por fim, em III, apreende-se *cabeça* como função psíquica superior, o que mobiliza representações como pensamento, inteligência, raciocínio, emoção, afetividade, vontade, juízo de realidade, entre outras. Esta apreensão mostra que *cabeça* é apreendido como sede de uma dada

<sup>27</sup> Há, ainda, outra questão a ser mencionada: a da mudança de gênero que, por vezes, se observa em enunciados como este: *os cabeças de chave*. Os dois gêneros, no entanto, são encontrados nos usos.

<sup>28</sup> Embora não tenhamos apresentado os exemplos a seguir nas análises precedentes, mencionemos como pertencentes à configuração II alguns outros casos em que *cabeça* integra enunciados muito interessantes. O primeiro deles é *A cabeça-de-ponte nas praias da Normandia foi o que possibilitou a vitória dos Aliados na França, em 1944* (Extraído de <https://bitly.com/UkaJEx>. Acesso em 18/11/2021). Conforme definições várias, trata-se de uma terminologia militar que se refere a uma posição adiantada (provisória) ocupada por uma força militar em território inimigo, do outro lado de um obstáculo (rio, mar, desfiladeiro) e que visa a um posterior avanço das tropas. Em outras palavras, representa-se, com a *cabeça-de-ponte*, uma posição que se tomou ao inimigo e que serve de ponto de apoio para ataques de maior envergadura. Na nossa opinião, este é um dos mais significativos empregos de *cabeça*, dado que indica a ocupação de uma posição superior sob diferentes aspectos: primeiro, pelo fato de se estar em território inimigo; segundo, por ser considerada primordial para o avanço da tropa. Um segundo é *A despesa saiu a vinte reais por cabeça* (Extraído de <https://bitly.com/wetbfh>. Acesso em 18/11/2021). A locução *por cabeça* faz com que se destaque o montante pago por um indivíduo (Y), montante que, no entanto, só tem como ser inferido em relação ao total do valor gasto por um conjunto de pessoas (X). De certo modo, *cabeça* faz com que o montante próprio a uma parte se sobressaia, o que lhe confere SUPERIORIDADE por se destacar do montante próprio a uma classe.

função psíquica. Pertencem a esse grupo os enunciados (7), (8) e (9).

Em (7) *Fiquei com a cabeça leve depois que resolvi o problema, como dissemos, a cabeça leve remete ao estado psíquico do sujeito, i.e. a seu pensamento, sua emoção, etc.* O termo *cabeça* recupera as funções psíquicas superiores que se mostram por meio de um sujeito. Em (8) *Não me sai da cabeça o desastre de ontem*, o termo *a cabeça* em *da cabeça* remete igualmente a funções psíquicas cuja sede é a mente de um sujeito. O mesmo pode ser observado em (9) (...) *quebrei a cabeça tentando fazer música*, em que *a cabeça* diz respeito à mente como sede de raciocínio.

Em suma, vemos que os princípios apontados em relação ao modo como quebrar se enuncia também são observados na variação de *cabeça*.

Em I, *cabeça* responde por seus próprios parâmetros de funcionamento ao remeter, no enunciado, a uma estrutura material ou física (X) constituída de uma parte (Y) à qual confere SUPERIORIDADE. É o caso dos enunciados (1), (2) e (3), nos quais *cabeça* confere SUPERIORIDADE a uma parte (Y) do corpo ou do objeto (X), o que leva (Y) a ser apreendido como o principal.

Em II, caso dos enunciados (4), (5) e (6), (X) e (Y) são de natureza circunstancial, posto que relacionados a uma *ordenação seriada*, a um *arranjo*, uma *posição*, um *nível*, *volume*, *montante*, etc. cujo estatuto decorre de sua inserção no espaço-tempo. Nesse caso, (Y), elemento ao qual se confere SUPERIORIDADE, refere-se, por ex., a uma classificação (*a cabeça da lista* como principal classificação) dependente do resultado obtido num dado instante e que instaura uma sequência ordenada de classificações (X).

Em III, caso dos enunciados (7), (8) e (9), constata-se que não há (Y) interno, como em I, em que se faz referência ao membro ou à parte mais importante de uma estrutura (X), nem externo (circunstancial), como em II, em que a SUPERIORIDADE do elemento (Y) se relaciona a uma eventualidade, circunstancialidade, a um conjunto (X) que se configura no espaço-tempo.

Na configuração III, *cabeça* diz respeito à sede de (Y), de uma função psíquica superior que, por si só, é qualificada de superior por integrar um conjunto (X) de funções sem equivalentes. Desse ponto de vista, a SUPERIORIDADE das funções psíquicas não admite qualquer comparação, o que mostra não existir distinção de um elemento do conjunto em relação aos demais: são todos excepcionais<sup>29</sup>.

### Estudo de caso III - $N_1$ de $N_2$ (nominal<sub>1</sub> de nominal<sub>2</sub>)

Nessa seção, trazemos algumas reflexões decorrentes das análises em que se tem um SN constituído de  $N_1$  de  $N_2$  (nominal<sub>1</sub> de nominal<sub>2</sub>). Nosso objetivo é o de apresentar as características de  $N_2$  de modo abrangente, explicando o papel deste sintagma no modo de apreensão de  $N_1$  considerando-se, de um lado, o esquema invariante de *cabeça* (que ilustra o  $N_1$ ), de outro, as propriedades definidoras das configurações I e II, exclusivamente<sup>30</sup>.

Começamos pela configuração I.

É interessante observar que, em (1) (...) *desequilibrei-me e quase quebrei a cabeça*, como dissemos, *cabeça* recupera uma relação na qual o elemento por ela referido e ao qual confere SUPERIORIDADE é intrinsecamente *parte* de um conjunto coerente (todo). Os enunciados assim configurados (cf. configuração I) apoiam-se na pré-construção dessa relação interna, i.e. da relação em que há, de um lado, um conjunto coerente de elementos, de outro, um elemento interno a este conjunto e que dele se distingue por ser *superior*.

Na configuração I, os enunciados (nível II, se retomarmos o que expusemos na seção introdutória) só fazem validar uma relação que se vê pré-construída nocionalmente (no nível I)<sup>31</sup>. Isso significa que o enunciado recupera a pré-existência de um conjunto coerente (todo), um

<sup>29</sup> Se retomarmos a configuração III de *quebrar*, do mesmo modo que não há constituinte interdependente fora da relação de SOLIDARIDADE, *cabeça*, na mesma configuração, mostra não haver elemento fora da relação de SUPERIORIDADE. Guardando as devidas especificidades dos termos, isso conduz, no emprego de *quebrar*, a invalidar o estatuto de “parte” (na promessa quebrada, o estatuto de parte engajada na promessa deixa de existir); no emprego de *cabeça*, a invalidar o estatuto de “elemento” que não seja superior (exclui-se qualquer comparação).

<sup>30</sup> Trataremos da configuração III em outro momento.

<sup>31</sup> Para aprofundamento dos modos de determinação do domínio nocional (nível I) em sua articulação com os enunciados (nível II), ver Romero (2018).

conjunto que, se for o caso, lhe cabe apenas especificar, dizer de qual se trata.

No enunciado (1), *a cabeça* especifica como conjunto coerente (X) *o corpo* do sujeito *eu*. O próprio emprego do artigo *a* é explicado por meio desta pré-construção: pressupõe-se uma estrutura (aqui, física), i.e. um conjunto coerente de partes (membros), apontando-se, neste conjunto, a parte (o membro) à(ao) qual se confere SUPERIORIDADE.

Ora, nos enunciados em que se verifica um SN constituído de  $N_1$  de  $N_2$  (nominal<sub>1</sub> de nominal<sub>2</sub>), o de  $N_2$  vem, de modo geral, para especificar um conjunto (um todo) cuja existência é pré-construída. Isso pode ser observado em(3) *a cabeça do fêmur, do fêmur* esclarecendo de qual todo se trata, no caso, de o *fêmur* apreendido sob a ótica de sua estrutura. Outros exemplos seriam *a cabeça do bíceps, do destilador, do gravador, do inseto, do parafuso*, etc.

Há, no entanto, outros tipos de especificação. No caso de (2), *de destilação* refere-se ao processo que se dá na parte à qual *cabeça* confere SUPERIORIDADE, parte que é apreendida, justamente, como a parte principal – o elemento central – do objeto pelo processo em jogo. Ao lado de a *cabeça do destilador*, encontramos, portanto, a *cabeça de destilação*, do mesmo modo que, ao lado de a *cabeça do gravador*, encontramos a *cabeça de gravação*.

Em casos semelhantes, de  $N_2$  remete a um predicado nominalizado, seu papel sendo, sobretudo, o de especificar a importância da referida parte, a *cabeça*, ou seja, o de especificar para que ela serve, função atrelada a como se concebe o todo (o destilador, aquele que destila, em que se dá a destilação; o gravador, aquele que grava, em que se dá a gravação, etc.).

Na configuração II, por sua vez, o de  $N_2$  funda o conjunto coerente (X), ele o institui. Não há, nesta configuração, uma pré-construção de (X) a ser simplesmente especificado: é no enunciado que se elabora circunstancialmente o conjunto coerente, tal como observamos em (4) *a cabeça da lista* e (5) *cabeças de chave*. Em (4), *da lista* institui um conjunto coerente de elementos (X), a ser apreendido como um conjunto ordenado por ordem classificatória graças à presença de *cabeça*. O mesmo ocorre em (5), no qual *de chave* institui um conjunto de equipes num torneio, a ser apreendido como um conjunto no qual se destacam determinadas equipes. Outros exemplos seriam *a cabeça do distrito, da procissão, da rede* (em referência a uma rede de estações de rádio), etc.

Em (6) *uma cabeça d'água*, embora *água*, em *d'água* (de  $N_2$ ), pareça exprimir do que é feita a *cabeça*, não se trata de especificar uma matéria. Como vimos, nessa construção, *cabeça* define uma medida: um nível (do rio) superiormente acima da média. Este nível só pode ser assim qualificado se comparado a um conjunto de medidas, da própria média de níveis (do rio)<sup>32</sup>.

Por meio desses exemplos, acreditamos ser possível estabelecer o seguinte quadro comparativo.

32 Notar outros enunciados nos quais *cabeça* refere-se a uma medida (cf. *Le Miracle marcou na final 11s754 e venceu por uma cabeça de diferença*. Extraído de <https://bityli.com/56hVqX>. Acesso em 28/11/2021), ou enunciados em que se emprega pé como unidade de medida, para dar apenas uma outra ilustração (cf. *Os jatos comerciais, como os fabricados pela Airbus, Boeing e Embraer, vão bem mais alto e podem atingir 40 mil pés (12.192 metros) de altitude*. Extraído de <https://bityli.com/7sAKnk>. Acesso em 28/11/2021).

**Quadro 2.** Relações entre  $N_1$  e  $N_2$  no SN  $N_1$  de  $N_2$

Configuração I SUPERIORIDADE interna		Configuração II SUPERIORIDADE externa	
(Y), elemento ao qual se confere <i>superioridade</i> , integra (X), o CONJUNTO coerente. (X-Y) relação interna		(Y), elemento ao qual se confere <i>superioridade</i> , integra (X), o CONJUNTO coerente. (X-Y) relação circunstancial	
<i>de N<sub>2</sub></i> especificador	<i>a cabeça do destilador</i>	<i>de N<sub>2</sub></i> construtor	a cabeça da lista
$N_2$ (o destilador): especifica o conjunto (X), cuja existência é pré-construída.		$N_2$ (a lista): constrói a existência do conjunto (X) no espaço-tempo.	
<i>de N<sub>2</sub></i> especificador	<i>a cabeça de destilação</i>	<i>de N<sub>2</sub></i> construtor	a cabeça d'água
$N_2$ (destilação): especifica a centralidade de (Y) (por meio de sua função) no conjunto (X).		$N_2$ (água): constrói a centralidade de (Y) (por meio de seu nível) no conjunto (X).	

Fonte: Produção do autor.

## Conclusão

Esperamos ter mostrado de que maneira enunciados elaborados, de um lado, com *quebrar*, de outro, com *cabeça*, mobilizam esquemas invariantes constitutivos do funcionamento enunciativo destas unidades, e que, por isso mesmo, são concebidos, no referencial da Teoria das Operações Enunciativas, como o que as identifica semanticamente, como definidores do seu semantismo.

Esta invariância própria ao semantismo de cada uma responde pela dinâmica criadora dos enunciados e do processo de construção de significação, uma vez que os esquemas invariantes tal como expostos são uma tentativa de formalizar, em si, a própria dinâmica enunciativa da unidade.

Essas colocações nos permitem retomar enunciados nos quais o SN *a cabeça* é argumento de *quebrar*, a fim de refletir sobre o modo como os esquemas de um e de outro se articulam. Assim, em (...) *desequilibrei-me e quase quebrei a cabeça*, se *quebrar*, no enunciado, devido à propriedade SOLIDARIDADE, apreende *a cabeça* como uma *estrutura física*, *cabeça* apreende essa estrutura como a principal em relação ao conjunto do qual faz parte, o que nos leva à interpretação de *estrutura óssea da caixa craniana* (em relação à estrutura do corpo, por ex.)

Sem dúvida, os outros elementos do enunciado contribuem para que tal articulação ocorra, uma vez que *quebrei a cabeça*, por si só, não seria um enunciado, e sim uma sequência não estabilizada, que abre para a contextualização ora mencionada, como para a contextualização<sup>33</sup> observada em - *A sensação foi de "poxa, consegui". Isto faz valer cada sacrifício e cada momento no qual treinei e quebrei a cabeça tentando fazer música*.

Nesse caso, *a cabeça* passa a ser apreendida como a sede de funções psíquicas superiores, de *raciocínios*. O interessante é observar que é *quebrar* o responsável por apreender as funções psíquicas desta maneira, ou seja, como um exercício ordenado da razão (SOLIDARIDADE), e isso para exprimir que esse exercício não funciona como se espera. Daí a expressão fazer referência à exaustão do ato de raciocinar, a uma função psíquica (a de raciocinar) que se vê à beira de uma desorganização, de uma ruptura (a necessária para que haja uma nova organização).

Por fim, temos ainda um enunciado não mencionado antes: *Sua cabeça quebrou-se para trás*<sup>34</sup>. No que consiste a *quebrar*, a SOLIDARIDADE diz respeito ao alinhamento harmônico entre *cabeça-corpo* no seu modo de se movimentar ou estar no espaço, alinhamento que cessa quando o principal membro superior do corpo – a cabeça – apresenta um outro movimento ou modo de ocupar o espaço, distinto daquele do corpo ao qual se integra.

Esperamos, ainda, ter mostrado os princípios gerais que configuram esses esquemas nos

<sup>33</sup> Sustentamos que as contextualizações de uma sequência, embora variadas, não são quaisquer, posto que relacionadas aos esquemas invariantes que fundam a sequência. Ver Franckel (2011).

<sup>34</sup> O exemplo consta do Dicionário Aurélio (FERREIRA, 1999).

usos, o que nos leva igualmente a repensar questões relacionadas à transitividade. Afinal, na configuração II de *cabeça*, para dar uma única ilustração e instigar reflexões futuras, ela não se enuncia sem *de N<sub>2</sub>*, como *da lista, de chave, d'água*, etc., assim como *quebrar*, no enunciado que acabamos de mencionar, apoia-se no SP *para trás* para recuperar uma SOLIDARIDADE de ordem circunstancial (configuração II), relacionada ao movimento, à direção dada à *cabeça*. Este último caso, ademais, traz um grande embate sintático, pois não sabemos como classificar este SP sem o qual o enunciado não se elabora – ou se elabora com outra configuração.

Sobre esses princípios, temos, respectivamente, nos enunciados citados, dinâmicas configurativas diversas: no primeiro, *quebrar* e *cabeça* configurados como I, o que nos conduz à representação de *estrutura da caixa craniana*; no segundo, *quebrar* configurado como II e *cabeça* como III, o que nos conduz à representação de *exercício ordenado da razão*; e, por fim, no último deles, *quebrar* configurado como II e *cabeça* como I, o que nos conduz à representação de *alinhamento harmônico entre cabeça-corpo no espaço*.

E, não é de se espantar se existirem outras. A invariância, dinâmica criadora observada no fundamento “da forma aparentemente banal dos enunciados cotidianos” (CULIOLI, 1990, p. 155) – ou da forma de enunciados não tão banais assim –, dá a ver, finalmente, “as operações do trabalho enunciativo que neles se ocultam” (CULIOLI, 1990, p. 155), *um gesto de natureza da linguagem* que está na origem das diferentes coreografias que são as línguas e das estabilizações semânticas (sempre provisórias) que os enunciados, numa língua, elaboram.

## Referências

BÉDOURET-LARRABURU, Sandrine; COPY, Christine. (Org.). **L'épilinguistique sous le voile littéraire**. Antoine Culioli et la TO(P)E.1<sup>a</sup> Ed., Pau, France : PUPPA, v. 1, 2018.

CAMUS, Rémi *et al.* (Dir.) Variations sémantiques et syntaxiques. Aspects d'une théorie de l'invariance. **LinX**. Nanterre : Université Paris Ouest, v. 70-71, 2014.

CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation** : opérations et représentations. Paris : Ophrys, 1990.

CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation** : formalisation et opérations de repérage. Paris : Ophrys, 1999a.

CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation** : domaine notionnel. Paris : Ophrys, 1999b.

CULIOLI, Antoine. À propos de *même*. In :FRANCKEL, Jean-Jacques. (Dir.) Le lexique, entre identité et variation. **Langue Française**, n. 133. Paris : Larousse, février 2002, p. 16-27.

CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation** : tours et détours. Limoges : Lambert-Lucas, 2018.

CULIOLI, Antoine; NORMAND, Claudine. **Onze rencontres sur le langage et les langues**. Paris : Ophrys. 2005.

DE VOGÜÉ, Sarah *et al.* **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

DUCARD, Dominique. **Enunciação e atividade da linguagem**. Organização Heloísa Monteiro Rosário *et al.* Uberlândia: EDUFU, 2013.

DUFAYE, Lionel; GOURNAY, Lucie. (Org.) **Épilinguistique, métalinguistique**. Discussions théoriques et applications didactiques. Limoges : Lambert-Lucas, 2021.



FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3 ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FRANCISCONI, Leonam Ricardo Alcantara. **Léxico e enunciação: a conceitualização do substantivo concreto**. Questões para o ensino de línguas. 2020. 121f. Dissertação(Mestrado em Ciências). Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2020.

FRANCKEL, Jean-Jacques. (Dir.) Le lexique, entre identité et variation. **Langue Française**. Paris: Larousse, n. 133, 2002.

FRANCKEL, Jean-Jacques. Da interpretação à glosa: por uma metodologia da reformulação. In: DE VOGÜÉ, Sarah *et al.* **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 103-130.

FUJISAKA, Larissa Cella Hirai. **Enunciação e atividade de linguagem**. O substantivo comum: estudo de caso e propostas com vistas à prática de ensino. 2020. 127f. Dissertação(Mestrado em Ciências). Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2020.

LA MANTIA, Francesco. **Antoine Culioli.L'arco e la freccia**. Scritti scelti. Bologna, Italia: Società editrice il Mulino, 2014.

ROMERO, Márcia. **Léxico e enunciação: sistematização do funcionamento verbal**, Relatório Científico ano II, São Paulo, FAPESP (processo 2013/07572-0), 2016.

ROMERO, Márcia, Variation et conservation linguistiques en portugais : identité sémantique des unités verbales et invariance langagière. **Signifiances (Signifying)**, vol. 1, p. 183-198, 2017a.

ROMERO, Márcia. Cenas enunciativas ou usos idiomáticos? Identidade e variação semânticas dos verbos *quebrar* e *comer* em PB. In: V SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2017, Lecce, Italia. **Anais**. Lecce: Università del Salento, 2017b.

ROMERO, Márcia. À propos des modes de signifiante: le littéral et le figuré revus par le jeu notionnel. In: BÉDOURET-LARRABURU, Sandrine; COPY, Christine. (Org.) **L'épilinguistique sous le voile littéraire**. Antoine Culioli et la TO(P)E. Pau, France: PUPPA, v. 1, 2018, p. 289-318.

ROMERO, Márcia. A Teoria das Operações Enunciativas In:ROMERO, Márcia *et al.* **Manual de Linguística: Semântica, Pragmática e Enunciação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2019, p. 175-228.

ROMERO, Márcia. *Partiu!* en portugais brésilien: contribution à l'étude de la créativité linguistique. In:RAINERI, Sophie; SEKALI, Martine; LEROUX, Agnès. (Org.) **La correction en langue(s) - Linguistic correction/correctness**. 1ª Ed, Paris: Presses Universitaires de Paris Nanterre, v. 1,2020, p. 177-191.

ROMERO, Márcia. La représentation métalinguistique de l'alternance ergative en portugais brésilien : hypothèses descriptives. In:DUFAYE, Lionel; GOURNAY, Lucie. (Org.) **Épilinguistique, métalinguistique**. Discussions théoriques et applications didactiques. Limoges : Lambert-Lucas, 2021, p. 174-197.

ROMERO, Márcia; FLORES, Valdir do Nascimento. Le linguiste et l'invention du langage. **LinX**, Nanterre : Université Paris Ouest, n. 74, p. 115-127, 2017.

ROMERO, Márcia; FRANCISCONI, Leonam; FUJISAKA, Larissa. O semantismo do substantivo na perspectiva da Teoria das Operações Enunciativas: princípios de variação no confronto nome-verbo. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 16, n. 25, p. 191-220, jan-jun. 2021.

ROMERO, Márcia; TRAUZZOLA, Vanessa Santana Lima. *Consumir et comer en portugais brésilien: contribution à l'étude du préfixe CO*. **Faits de Langues**, Berna : Peter Lang, v. 48, p. 79-92, 2016.

ROMERO, Márcia; VILELA, Thatiana Ribeiro. Aspectos do papel enunciativo da preposição COM: objeto direto preposicionado e transitividade verbal. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 18, p. 152-183, 2020a.

ROMERO, Márcia; VILELA, Thatiana Ribeiro. Preposição e prefixo em PB: uma análise transcategorial. **Revista Ecos**, v. 29, p. 366-399, 2020b.

Recebido em: 15 de fevereiro de 2022.

Aceito em: 25 de fevereiro de 2022.